

Não foram observadas novas unidades estratigráficas relativamente às definidas em 1999, mas precisaram-se os seguintes pontos:

- U.E. 1: Divide-se em duas subunidades: A e B, constituídas por aluviões areno-siltosos resultantes da subida do nível do Côa desde a construção da barragem do Pocinho no Vale do Douro (B) e da ensecadeira que foi construída em virtude da barragem prevista para o Baixo Côa (A). A observação da espessura dos sedimentos finos de natureza aluvial depositados posteriormente à deposição de uma garrafa de plástico com data impressa de 1999 permitiu avaliar a alta taxa de deposição devida à obstrução da galeria de derivação e protecção de cheias do projecto abandonado no Baixo Côa;
- U.E. 2: O corte perpendicular à vertente (Fig. 3-21, corte 1-2) revelou a existências de um canal erosivo preenchido por blocos na base deste conjunto que possui um limite erosivo de limite nítido com o subjacente;
- U.E. 3: Foi observada em todos os quadrados abertos nesta área. Confirmou-se a existência de níveis de sedimentos finos de cor castanha, observada nos quadrados escavados em 1999. A topografia do seu topo revela uma erosão em canal, preenchida pela unidade 2;
- U.E. 4: Está separada do conjunto posterior por uma descontinuidade erosiva. Não foi possível distinguir os níveis (a, b e c) definidos em 1999 (Fig. 3-17) com base na densidade de plaquetas numa matriz de aluviões finos. Não obstante, a existência dum nível de plaquetas (nível 4e) separadas deste conjunto por um nível estéril foi confirmada. O topo desta unidade (equivalente à 4 a/c de 1999) foi escavada em 11 unidades artificiais e as cotas do topo de cada uma foram documentadas;

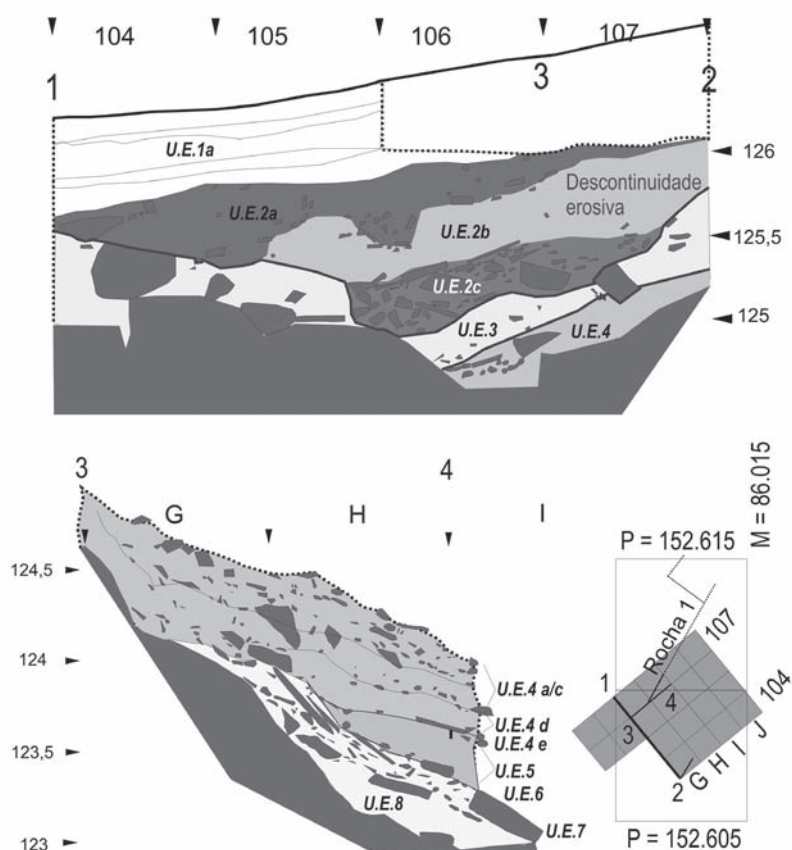


FIG. 3-21 – Fariseu, cortes estratigráficos observados no fim da campanha de escavação de 2005, entre as bandas F e G-104/107, e nos quadrados G e H entre as bandas 106 e 107.

- U.E. 5: Não foi observada nenhuma informação suplementar para além das resultantes da sondagem de 1999;
- U.E. 6: Não apresenta uma variação de textura e estrutura relativamente à sobrejacente, mas contém lajes de xisto (C6a). Os níveis mais ricos em componente argilosa ou siltosa de cor castanha (6b), observados a cotas inferiores em 1999, não foram detectados na área escavada em 2005. Na área intervencionada, a sua distinção da U.E. 7 baseada na existência duma camada aluvial na área mais baixa da sondagem de 1999, é difícil na banda I e impossível a partir da banda H;
- U.E. 7: Escavada nos quadrados G/I-15/107. É constituída por fragmentos de xisto de arestas alteradas contidos numa matriz arenosa;
- U.E. 8: É menos rica em elementos de xisto, mais argilosa e contém pequenos seixos de quartzo e quartzito.

A observação do corte no sentido da melhor inclinação da vertente (Fig. 3-21, corte 3-4) revela a continuidade da espessura da unidade 4, ao longo da vertente, embora este conjunto seja mais marcado pela fase erosiva anterior à deposição da unidade 3 (particularmente evidente abaixo do quadrado J). Uma diminuição, em bisel, da espessura da unidade aluvial 5 aparece nitidamente no sentido da subida na vertente, entre as bandas H e I.

A escavação permitiu objectivar a relação estratigráfica destas unidades sedimentares com os motivos da parede gravada. Dois caprinos são recobertos pela unidade 4 mas não foi possível estabelecer uma relação mais precisa que a estabelecida na sondagem de 1999 de sobreposição da base de algumas figuras pelas unidades 6 e localmente com o topo da unidade 7.

Já a escavação da área não ocupada pelo afloramento rochoso no quadrado G-104 permitiu evidenciar uma nova superfície gravada inteiramente recoberta pelas unidades 1 à 3 e parcialmente pelo topo da unidade 4 (Fig. 3-20).

A data avançada de descoberta deste painel face ao tempo disponível para a intervenção, a obrigatoriedade de abrir pelo menos mais um m na banda 103 (de forma a poder levar a cabo o registo das gravuras deste novo painel) e as alterações observadas na superfície da Rocha 1 após a escavação realizada em 1999, foram argumentos tidos em conta para não iniciar os trabalhos de “libertação” do painel durante esta campanha.

Delimitação da extensão do sítio

A cerca de 30 m para montante da sondagem de 1999 foi realizada uma outra (Figs. 3-16 e 3-22). A escavação até à U.E. 7 nos quadrados E/F-80 e E/F/G/H-81 e até ao afloramento no quadrado E-80, mostrou que a sequência sedimentar apresenta a mesma sucessão de unidades estratigráficas nas duas áreas localizadas no limite dos afloramentos que delimitam a zona de sedimentação, com pequenas variações ao nível das unidades 5 e 6 e nas unidades 7 e 8 da área da sondagem anterior (Fig. 3-22).

Observaram-se fortes variações laterais e longitudinais na espessura dos níveis aluviais, ricos em plaquetas, no meio da unidade 4. Neste conjunto foi detectado um nível arenoso, de cor castanha-escura, e cerca de 5 cm de espessura, aparentemente mais rico em matéria orgânica (Fig. 3-22, U.E. 40). Aparece em posição mediana entre dois conjuntos aluviais ou basal na unidade 4, em função da morfologia do topo da unidade 7. Esta unidade, que não foi detectada em 1999 e a única que contém os restos de fauna (cf. Capítulo 5.3), foi objecto de recolha de amostras para análise micromorfológica.

Durante a escavação foram observadas algumas plaquetas fracturadas, com os diversos elementos ainda em conexão, que indicam prováveis movimentos de deslizes verticais em função da topografia irregular do afloramento em patamares.

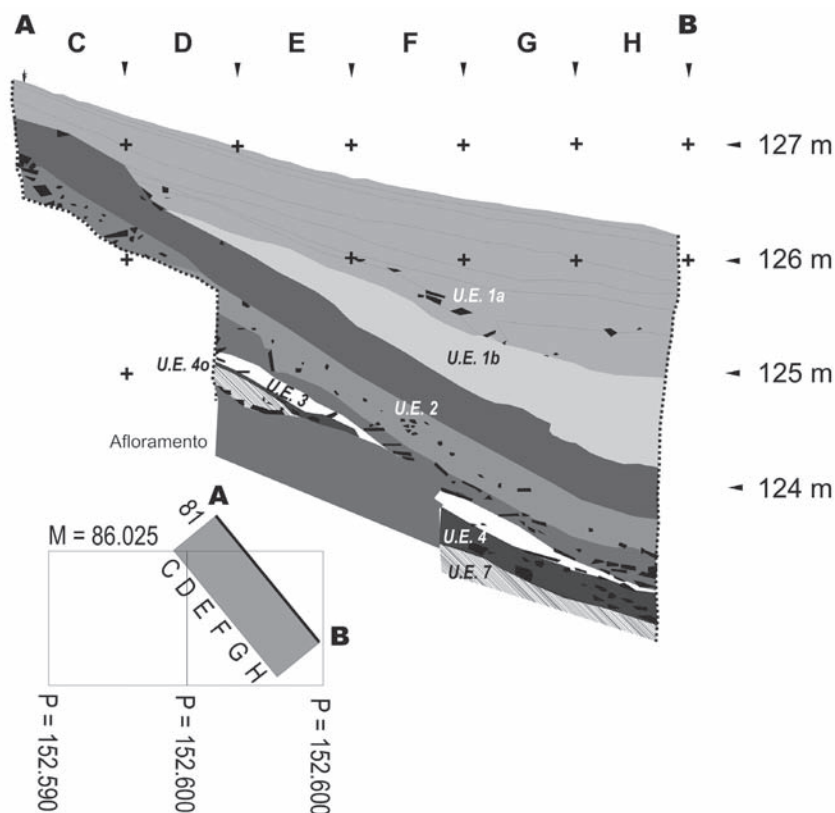


FIG. 3-22 – Fariseu, corte estratigráfico observado no fim da intervenção de 2005, nos quadrados C/H, entre as bandas 81 e 82.

Estes novos dados obtidos a partir da observação das sequências evidenciadas nos dois limites da área onde os depósitos pleistocénicos estão potencialmente conservados permitem estabelecer os seguintes dados:

- A existência dos mesmos conjuntos estratigráficos e subdivisões relativas às componentes aluviais e coluviais a cotas equivalentes e ao longo dos 30 m de extensão do sítio;
- O peso das componentes aluviais, coluviais e antrópicas ao longo do tempo e do espaço;
- A ausência ou espessura extremamente reduzida das unidades 5 e 6 na área 80/81;
- A taxa de sedimentação dos sedimentos aluviais, desde a construção da barragem do Pocinho em 1976 e da ensecadeira do projecto da barragem de Foz Côa em 1994;
- As sequências das fases erosivas anteriores à deposição da camada 2, durante a deposição da camada 3 e durante o Paleolítico Superior. O topo da camada 7 foi provavelmente afectado por um momento erosivo antes da deposição da camada 6. Estas truncaturas possuem uma inclinação mais forte do que os conjuntos aluviais e de ocupação humana, diferença bem visível no corte paralelo à rocha gravada;
- A existência de um nível rico em matéria orgânica nas bandas 80 e 81 (que pode estar relacionado com uma actividade humana específica levada a cabo nesta área e/ou pela posição na vertente onde os depósitos estão protegidos da erosão aluvial (por um afloramento rochoso ligeiramente a montante) associada à proximidade de uma linha de água a montante que deve ter funcionado como escoamento preferencial das águas superficiais provenientes da vertente.

A indústria lítica

Nas áreas 104/107 e 86/87 foram recolhidas respectivamente 2009 e 2115 peças de pedra lascadas durante esta campanha. A indústria lítica recolhida na unidade estratigráfica 4 é descrita nos Capítulos 5.1.2 e 5.1.4-2.

Do ponto de vista tipo tecnológico, os dados obtidos durante a intervenção de 2005 revelaram uma homogeneidade ao longo e da espessura das unidades artificiais definidas em função da densidade de elementos pétreos no seio da U.E. 4. As unidades artificiais, do topo até a base e da unidade 4, contêm elementos diagnósticos característicos da fase final do Paleolítico Superior, que corresponde à fase fria do Dryas recente (cf. Capítulo 5.1.2).

A distribuição da densidade em vestígios lascados recolhidos nas unidades artificiais dos quadrados G/I-104/107 indicam a existência de artefactos ao longo de toda a espessura da sequência (com uma densidade mais baixa nas unidades 5/8) e de dois picos de maior densidade no topo e na base da unidade 4 (a/c):

A remontagem entre elementos lascados e termoclastos foi testada na totalidade dos vestígios em quartzito provenientes da sondagem realizada em 1999 e das duas sondagens efectuadas em 2005.

A taxa de remontagens é extremamente reduzida na área G/I-104/107 com 11 elementos remontados num universo de 349 vestígios. As raras remontagens entre elementos correspondem a:

- materiais provenientes da camada 4, deslocados da base da camada 2 ou da camada 3;
- materiais da unidade C4c da intervenção de 1999 (equivalente às unidades artificiais 4 a 9 da campanha de 2005).

Estas observações, baseadas na repartição por categorias de volumes, bem como no claro défice de elementos de pequeno módulo, podem ser explicadas por uma melhor estabilidade dos elementos mais pesados (que foram preferencialmente preservados da erosão) ou, ao invés, por uma maior deslocação, em função do peso, a partir de uma possível ocupação situada a cotas mais altas na vertente. A escassez da área escavada inviabiliza a decisão entre ambas as hipóteses.

Na área E/H-80/81 a taxa de remontagem é ligeiramente superior (12 elementos para um total de 177 em quartzito) entre elementos de pequeno módulo, provenientes da unidade 4 (núcleo e lasca de F-80 4/4, quatro lascas pequenas provenientes de E-81 4/3, uma lasca queimada F-81 4/2 e uma lasca não queimada E-80 4/5, um núcleo F-81 4base, uma lasca E-80 4/4, dois termoclastos C-81 4/1 e G-81 4/4).

Esta primeira análise da repartição por volume e das remontagens entre vestígios líticos indica já uma discrepância nos processos de conservação e de deslocação pós-deposicional dos vestígios nas duas áreas escavadas (Cf. Capítulo 5.2).

A arte móvel

Os indícios da existência de uma actividade gráfica sobre suporte móvel no sítio encontrados em 1999 foram amplamente confirmados durante esta segunda fase dos trabalhos. A campanha de escavações realizada em 2005 permitiu a exumação de um total de 66 plaquetas de xisto com traços, das quais podem ser destacadas algumas com motivos figurativos (Fig. 3-23; cf. Capítulo 7.1.3). Estas revelam uma densidade equivalente nas duas áreas do sítio (cf. Capítulo 7.1.3).



FIG. 3-23 – Fariseu, exemplares das placas, plaquetas e seios de xisto, com representações figurativas zoomórficas obtidas por incisões finas, provenientes das campanhas de 2005 e 2007 (n.º 81) (cf. Capítulo 7.1.3; Tab. 7.1.3-1).

3.2.5.3.4. *Medidas de minimização do efeito da submersão*

No dia 18 de Outubro, antes da subida do nível da água na barragem do Pocinho, os cortes em contacto com a parede gravada da Rocha 1 e a área mais a norte foram consolidados com uma parede seca de lajes de xisto, os perfis delimitados por plásticos e as duas sondagem preenchidas mecanicamente pelos sedimentos retirados das unidades 1 e 2.

Durante esta intervenção, a observação da superfície gravada permitiu constatar um contraste cromático entre o sector recentemente exumado e a restante Rocha 1 que mostrava a deposição duma película alaranjada, provavelmente constituída por ferro oxidado em movimento nos depósitos que preenchiam a sondagem.

3.2.5.3.5. *Balanço da intervenção de 2005 e perspectivas*

Os trabalhos efectuados nas duas áreas intervencionadas em 2005, imediatamente a montante da Rocha 1 e no limite da pequena reentrância que corresponde ao sítio de Fariseu, revelaram a conservação de sedimentos aluviais e coluviais contemporâneos do Pleistocénico superior, numa área que pode ser avaliada em mais de 400 m². A relação estratigráfica observada em 1999 foi confirmada pela descoberta de uma nova rocha com uma superfície vertical gravada recoberta pelas unidades estratigráficas 1/4 correlacionada entre as diversas áreas do sítio.

A densidade e homogeneidade em vestígios de arte móvel, associada a outros elementos contemporâneos das ocupações do fim do Magdalenense nas duas áreas intervencionadas, revelam o potencial desta categoria de vestígios do sítio, que constitui desde já uma referência para a arte móvel do fim do Paleolítico Superior, à escala da Península Ibérica.

A descoberta dos primeiros restos de fauna pleistocénicos conservados num nível de ocupação do Paleolítico Superior, na região e no interior peninsular (que autorizam uma determinação das espécies de mamíferos, aves e peixes explorados durante o fim do Tardiglacial na região), possibilita uma primeira reconstituição directa das modalidades de exploração dos recursos biótipos e a aplicação do método ¹⁴C para uma determinação da cronologia das ocupações (cf. Capítulo 5.3).

A definição mais pormenorizada das condições geomorfológicas favoráveis à preservação dos depósitos do Pleistocénico superior favorece o estabelecimento de um modelo geomorfológico, no limite entre as vertentes e a planície aluvial.

3.2.5.4. *Primeira datação absoluta para a arte ao ar livre*

3.2.5.4.1 *As datações por luminescência*

Após a campanha de 2005, foram divulgados os primeiros resultados de datação absoluta, obtidos pelo método de luminescência (TL e OSL). Os resultados permitiram eliminar uma das hipóteses de atribuição do nível 4c ao Proto-Solutrense e estabelecer uma cronologia tardiglacial para a totalidade da sequência conservada em contacto com a Rocha 1 (cf. Capítulo 6.1; Fig. 3-27). Todavia, as datas só constituem um *terminus ante quem* da cronologia efectiva da realização das gravuras (Mercier & al., 2006; cf. Capítulo 7.1.1).

3.2.5.4.2. *Datação absolutas obtidas pelo radiocarbono*

A descoberta de restos de fauna conservados na U.E. 4 da área 80/81 permitiu uma aplicação do método do ¹⁴C.

A primeira amostra datada, um dente determinado por S. Gabriel como sendo um incisivo inferior de camurça (dos raros restos de fauna recolhida no topo da unidade 7 no quadrado E-80,0), foi fotografada por J. P. Ruas (CIPA) e enviada para o Laboratório GEO-CHRON, nos Estados Unidos. O resultado obtido de 8930±80 BP (GX-32147-MAS) não

correspondeu às expectativas, entrando em franca contradição com o material arqueológico associado.

Uma segunda amostra — uma diáfise de um mamífero de espécie indeterminável — foi enviada para datação no Laboratório Beta Analytic Inc., Miami (Flórida, EUA). Após uma tentativa falhada de extracção do colagénio, sobre esta amostra de osso queimado proveniente do nível orgânico da unidade 4 (informação entretanto obtida do laboratório) foi decidido efectuar, antes de qualquer outra tentativa, uma análise do teor em azoto dos ossos recolhidos durante a campanha de escavação. Esta análise foi efectuada no Instituto Tecnológico e Nuclear, por intermédio do Doutor Monge Soares. Consistiu na análise elementar EA-1110 CHNS-O sobre 3 ossos (F-80, 4/5, F-81 4/2 e F-80 4/5). Do conjunto, dois revelaram um teor em azoto superior a 0,4%, facto que validou uma datação. Por conseguinte, a amostra F-81 4/2, com um teor de 0,93% em nitrogénio, foi enviada para datação pelo método AMS no laboratório Beta Analytic, tendo-se obtido um resultado de $10\ 510 \pm 40$ BP (Beta - 213130). O fragmento proveniente de F 80 4/5, com um teor de 0,42% de azoto, foi enviado ao laboratório de Upsala (Suécia) e deu um resultado de 9830 ± 130 BP (Ua-32645).

Se a data obtida sobre o dente não se encontra em conformidade com a sua posição estratigráfica, a comparação com resultados obtidos pelo processo TL da unidade 4 do Fari-seu, do sítio de Quinta da Barca Sul (cf. Capítulo 6.1) e ^{14}C de outros sítios de Portugal que deram pontas de dorso curvo de tipologia semelhante (Zilhão, 1997; Bicho, 2000) indicam que estes resultados podem ser considerados como fiáveis.

3.2.5.5. A intervenção de 2007

3.2.5.5.1. Objectivos e metodologia

Os trabalhos realizados em Dezembro de 2007 tinham com principal objectivo a realização de uma réplica da Rocha 1, baseada no varrimento laser em 3D da superfície gravada, para ser integrada no conteúdo expositivo do Museu do Côa.

Previamente a esta operação impunha-se a exumação do painel, implicando uma descida do nível do Côa até a cota 121, situação aproveitada para realizar uma nova intervenção arqueológica na área submersa. Estes novos trabalhos tinham como objectivo obter informações complementares sobre:

- A variação lateral da sequência estratigráfica e a sua relação com a topografia do afloramento rochoso que aparece à superfície no limite Sul do sítio;
- A existência de eventuais superfícies gravadas recobertas por sedimentos nesta área,
- As características e potência das unidades estratigráficas conservadas no sector central do sítio;
- A preservação e a densidade em restos de fauna nas bandas 77, 78 e 79 e em caso positivo aumentar o efectivo dos restos de fauna recolhido em 2005 na U.E. 4 da área adjacente (80/81);
- A relação topográfica entre as unidades estratigráficas 6 e 7 e a superfície gravada da Rocha 1, bem como a existência de unidades estratigráficas mais antigas, conservadas a cotas mais baixas em direcção da base da vertente.

3.2.5.5.2. Metodologia da intervenção

Os trabalhos decorreram entre os dias 15 de Novembro e 6 de Dezembro. Participaram nos trabalhos, além da equipa permanente do PAVC (Jorge Davide Sampaio, Luís Luís, Carla Magalhães, Mário Rui Reis Soares, André Santos, Rosa Catarina de Jesus Jardim, Dalila Susana Correia), Ana Cristina Araújo, José Paulo Ruas, Fernando Gonçalves (IPA),

Cristina Gameiro (UA), Olinda Reis (Vila Nova de Foz Côa), Luis Carlos Rodrigues (Vila Nova de Foz Côa).

Os trabalhos arqueológicos foram efectuados em 3 áreas da extensão conhecida do sítio: duas na área adjacente às intervencionadas em 1999 e 2005 e numa nova (Fig. 3-16).

3.2.5.3 Resultados

Organização estratigráfica à escala do sítio

1. Limite oeste

Os trabalhos realizados nesta área consistiram em prolongar, em direcção ao afloramento rochoso visível à superfície, a área escavada em 2005 nos quadrados C/H-80/81 (cf. Fig. 3-16).

Foi inicialmente aberta uma área de 12 m² na U.E. 1 (quadrados E/F/G/H das bandas 77/78 e 79). Os sedimentos dos quadrados E-77/79, F-77/79, G-78/79 e H-78/79 foram escavados até à U.E. 3 com pá e picareta e os sedimentos da unidade 4, escavada e crivada, por m² e unidade artificiais, com a mesma metodologia utilizada em 2005 nos quadrados F-77/79, G-78/79 e H-78/79. Esta metodologia foi seguida até ao topo da U.E. 7, estéril em vestígios arqueológicos, que foi escavada até ao afloramento rochoso com auxílio de pá e picareta, unicamente nos quadrados F-77, 78 e 79 (Fig. 3-24). No final da intervenção, foram colocados pontos de referência que permitem localizar os eixos da quadrícula nos cantos da área escavada que foi recoberta por plásticos e tapada pelos sedimentos remexidos e estéreis.

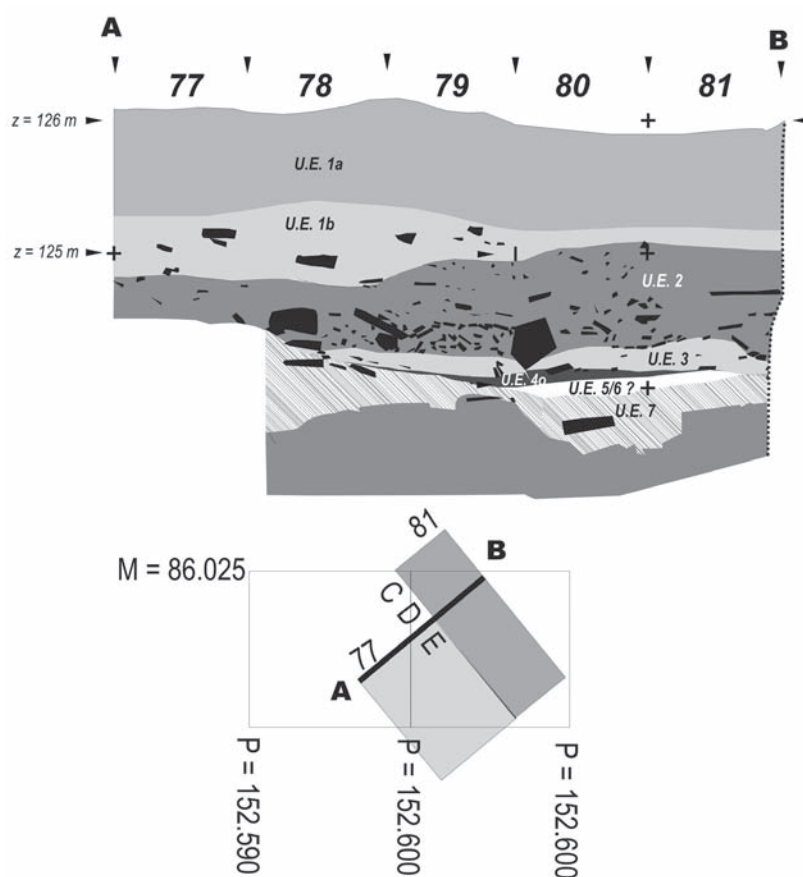


FIG. 3-24 – Fariseu, corte observado entre as bandas D e E, documentado durante a intervenção de 2005 (quadrados 80 e 81) e de 2007 (77/79).

O corte que constitui o limite entre as bandas D e E, de orientação paralela ao Côa, revela uma forte irregularidade da topografia do topo do afloramento rochoso, influenciada pela rede de fractura, formando depressões. Estas foram preenchidas pelos fragmentos rochosos provenientes da degradação do afloramento rochoso sob o efeito dos ciclos gelo/degelo que gerou a U.E. 7. A topografia do topo desta camada é, pelo contrário, regular e indica uma regularização por processos erosivos anteriores à deposição da U.E. 4 que forma um bisel em direcção ao afloramento (Fig. 3-24). A espessura das U.E. 3 e 4 diminui progressivamente entre os quadrados E-79 e E-77, correlativamente à diminuição da densidade dos vestígios arqueológicos constatados durante a escavação do quadrado E-77.

Foram encontrados mais restos de fauna (cf. Capítulo 5.3). Os restos líticos lascados encontrados confirmam a proposta de atribuição avançada em 2005, para a totalidade dos vestígios da U.E. 4, às várias fases atribuíveis ao final do Magdalenense (cf. Capítulos 5.1.2 e 6.2).

Neste sector da escavação, onde os restos de fauna estão conservados, foi encontrado o primeiro vestígio de indústria óssea do Paleolítico Superior da região (Fig. 3-25). O objecto (17 x 5 mm de diâmetro na parte mais larga e 2 mm na mais estreita) é a extremidade de um utensílio apontado por raspagem de secção circular, fabricado ou em fragmento de haste de veado ou em osso (com base na observação da fractura à lupa binocular). O estado de conservação do objecto não permite ir para além da sua integração no grupo tipológico das zagaias (Cardoso & Gomes, 1994), inviabilizando qualquer comparação e interpretação em termos funcionais (Chauvière, 2002).

A densidade em vestígios de arte móvel parece acompanhar a diminuição constatada dos efectivos da indústria lítica em direcção ao limite Sul do sítio (cf. Capítulo 7.1.3). Comparativamente às observações efectuadas em 1999 e 2005, deve ser relevada a descoberta de um seixo de quartzito com restos de pigmentos de tonalidade vermelha nas suas duas faces, organizados em linhas paralelas, testemunho que acrescenta a diversidade das manifestações gráficas sobre suporte móvel durante o final do Pleistocénico na região (cf. Capítulo 7.1.3).



FIG 3-25 – Fariseu, U.E.4, Fragmento de zagaia em haste de veado ou osso (comprimento máximo de 1,7 cm).

Sequência estratigráfica conservada no contacto com a Rocha 1: estabelecimento da relação entre a realização das gravuras e as fases de ocupação humana

A remoção das terras e do muro de protecção que tinham sido colocados em frente à Rocha 1 após as campanhas de 1999 e 2005 fez-se com a ajuda de trabalhadores da Junta de Freguesia da Muxagata (agradecendo-se o apoio do seu presidente, na pessoa de Frederico Lobão, bem como dos seus colaboradores Artur Miguel Félix Torrinha, Paulo Jorge Reigada Julião, José Manuel Costa Teixeira e José Ricardo Julião Tiago). O objectivo de por à vista a totalidade da superfície gravada da Rocha 1 (Fig. 3-26) e a realização de uma réplica pelo processo de varrimento laser tridimensional. Durante esta operação, efectuaram-se novas observações sobre a sobreposição dos traços dos motivos gravados (trabalho realizado por André Tomé Santos), precisou-se a relação entre a superfície gravada e os sedimentos pleistocénicos e as sequências arqueológicas documentadas anteriormente.

A escavação das unidades estratigráficas 6 à 8, nos quadrados K e L-108, que não tinham sido escavadas por falta de tempo durante a sondagem de 1999, permitiu evidenciar um nível arqueológico de fraca espessura, localizado a cerca de 5 cm acima do limite entre as unidades 6 e 7 (Figs. 3-27 e 3-28). A crivagem sistemática das terras removidas durante a escavação deste nível evidenciou um défice claro em elementos de pequena dimensão. As peças líticas conservadas registam um desgaste dos bordos atribuível a uma lavagem por processo aluvial e/ou coluvial que pode explicar a ausência de utensílios sobre lamela neste nível.



FIG. 3-26 – Fariseu, trabalho de escavação da unidade estratigráfica 7 dos quadrados L/M-108.

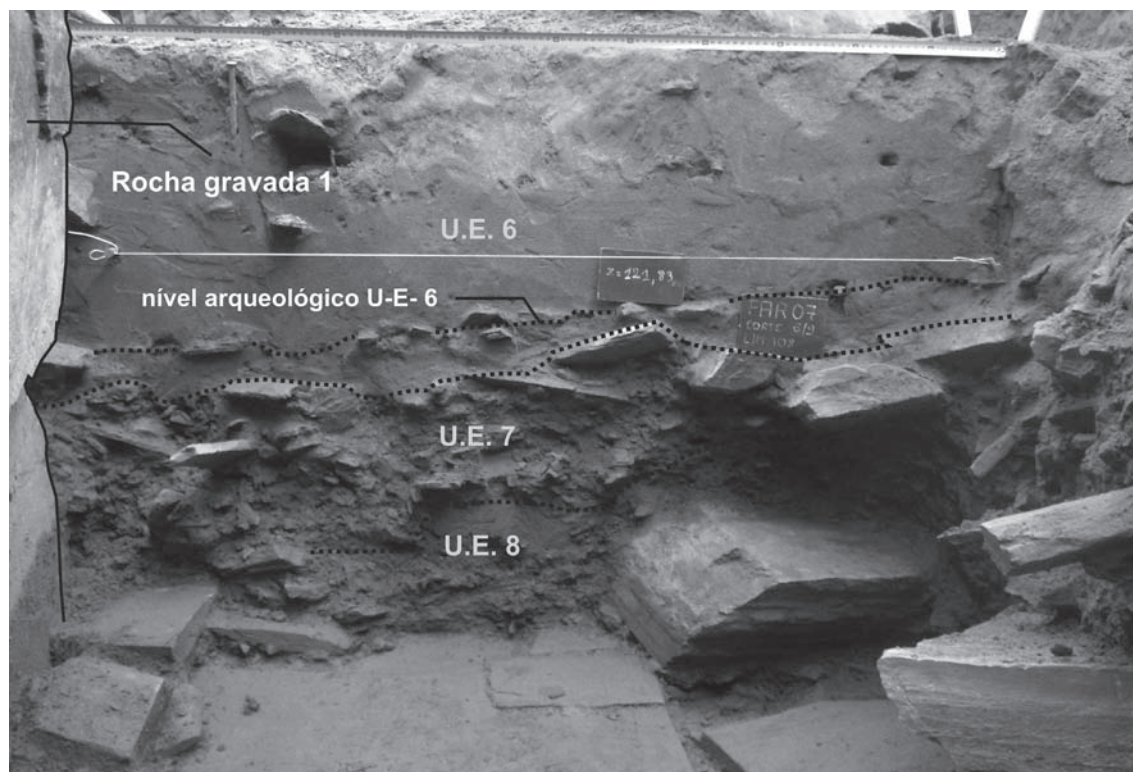


FIG. 3-27 – Fariseu, corte estratigráfico das unidades 6/8, observado em 2007, entre os quadrados L e M-108.